



O coletivo Pantanal Iguaçuano e o empoderamento de mulheres na baixada fluminense

The Pantanal Iguaçuano Collective and the empowerment of women in Baixada Fluminense

BARBOSA, Daniela M.P.¹; AMORIM Andressa C.T.B.²; OLIVEIRA, Fabrícia²; SOBERTINA, Eva²; SILVA, Ivonete²; ASSIS, Janaína F.F.²; SOUZA, Ronaldo V.²; SILVA, Rosilene B.²; CARVALHO, Igor S.H.³

¹ Coordenadora do Coletivo Pantanal Iguaçuano, Professora da rede municipal de Nova Iguaçu e estudante da Licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ, pantanaliguacuano@gmail.com; ²Coletivo Pantanal Iguaçuano; ³UFRRJ, igorshc@ufrj.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Apresentação e Contextualização da experiência

O Projeto do Coletivo Pantanal Iguaçuano iniciou com a necessidade de dar visibilidade e voz à população ribeirinha localizada na Área de Proteção Ambiental que fica situada em Lagoinha (“km 39”), em Nova Iguaçu-RJ, na Baixada Fluminense. O local é conhecido como “Pantanal Iguaçuano” pela sua paisagem semelhante à do Pantanal Matogrossense. É uma área com um ecossistema bastante peculiar e uma biodiversidade muito rica, contrapondo os graves problemas de saneamento, injustiça ambiental, machismo estrutural, violência, falta de acesso da população aos seus direitos, descaso e invisibilidade pelo poder público. A população ribeirinha, apesar de estar situada nos arredores de uma das maiores estações de tratamento de água do mundo, vivencia problemas graves de saneamento e falta d’água. Toda essa situação de injustiça ambiental abriu precedentes incomensuráveis para todo tipo de violência, situações de abandono social e injustiças ambientais, sendo as mulheres o grupo social mais afetado.

Percebemos a necessidade de trazer luz e humanização para este território totalmente abandonado pelo poder público. Tendo em vista as necessidades dessa comunidade e as constantes mortes por afogamento de crianças e visitantes, foi necessário que surgisse um coletivo que atuasse dentro do território e que trouxesse uma postura de cidadania consciente. Fundamos então o Coletivo Pantanal Iguaçuano com o objetivo de promover o acesso à informação sobre direitos, políticas públicas e formas de luta por melhorias da comunidade, com foco especial nas mulheres.

Desenvolvimento da experiência

A partir de 2018, passamos a realizar reuniões de apoio social nas casas das moradoras, que acontecem até o presente momento (2023). Reforçamos ainda mais o processo de apropriação do território, incentivando o talento das mulheres que ali



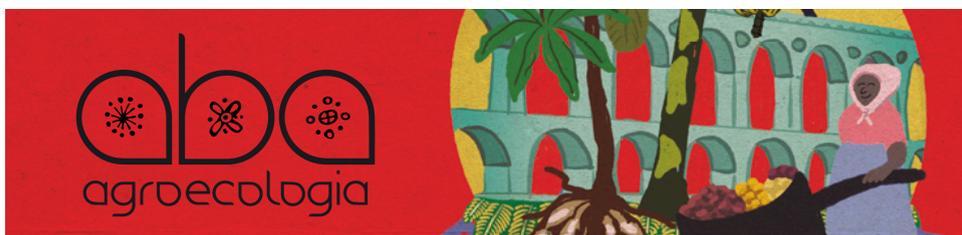
vivem e sobrevivem como forma de alcançar a autoestima, estimulando as práticas de suas artes, como artesanato com recicláveis variados, culinária com alimentos produzidos em seus próprios quintais, remédios com plantas medicinais, produção de sabão com óleo usado, hortas comunitárias, composteiras e minhocários, tendo como foco a sustentabilidade e a economia circular. Iniciamos esse trabalho com duas mulheres expositoras. Iniciamos também um trabalho de Turismo de Base Comunitária, através de passeios de reconhecimento local com pedaladas ecológicas, articulando em média com duzentos ciclistas.

Nas ações vinculadas às Pedaladas Ecológicas, hoje contamos com cinquenta e quatro mulheres expositoras cadastradas em nosso movimento, expondo suas artes na Feira Agroecológica e Sustentável Mulheres da Baixada Fluminense, que acontece todos os meses às margens do Rio Guandu.



Figura 1. Cartaz de divulgação da Feira Agroecológica e Sustentável Mulheres da Baixada Fluminense, um dos resultados das ações do Coletivo Pantanal Iguaçuano.

Tivemos também, um impacto positivo na comunidade através do Mutirão de Limpeza, em dias de vazante mecânica (Realizada pela Companhia Estadual de Água e Esgoto - CEDAE para manutenção da Estação de Tratamento de Água - ETA), nas margens do Rio Guandu, colaborando assim com a diminuição dos



resíduos que são descartados pela população ou até mesmo trazidos pelas correntezas dos bairros vizinhos.

Contribuímos também, com a recomposição Florestal na localidade e a transformação do território, através do plantio de mudas doadas pelo projeto Replantando Vidas da CEDAE, da sensibilização, encantamento e desenvolvimento do senso de responsabilidade social.

Durante a pandemia foram realizadas ações de combate a insegurança alimentar como a distribuição de cestas básicas, doações de livros, plantio de Hortas Comunitárias, mudas de frutíferas, após cadastramento das famílias locais.



Figura 2. Feira Agroecológica e Sustentável Mulheres da Baixada Fluminense, um dos resultados das ações do Coletivo Pantanal Iguaçuano (fonte: própria autora).

Desafios

Um dos principais desafios foi o diálogo com os comerciantes locais, que usavam o volume alto do som como forma de atrair clientes, gerando uma “disputa” que provoca uma grande poluição sonora no local. Outro desafio é o de conseguir realizar as ações sem patrocínio. Com o tempo, os comerciantes entenderam que o atrativo não era o volume do som, e sim a qualidade dos serviços. A princípio, negociamos o volume pela troca de artesanato, entre outros.

Outro desafio é sermos reconhecidas como povo tradicional e ribeirinho, para que possamos ser inseridas em políticas públicas de apoio à segurança familiar, entre



outros. E ainda precisamos de financiamento para formalizar nossa Instituição.

Principais resultados alcançados

Durante seis anos de ações, as transformações foram surpreendentes. Para além da estética local, o Coletivo passou a experienciar itinerâncias com a participação em outros eventos. Antes contávamos com apenas duas expositoras e hoje somam-se cinquenta e seis. Além disso, o local tornou-se um grande atrativo para ciclistas e visitantes, e em consequência disso, os comerciantes precisaram investir em outras linhas de atração como: o passeio de barco, pedalinhos e até suítes para receber visitantes. Recentemente também, o Pantanal Iguaçuano foi tema do programa da rede globo "Expedição Águas", com o apresentador Alexandre Henderson, que rendeu o prêmio de melhor programa no ano de 2022. Tais ações também foram servindo de inspiração para outros movimentos e percebemos o aumento do número de ações como feiras livres e independentes, além do estímulo a mais ações turísticas. Tais ações também serviram para fortalecer e estimular a transformação de mais lideranças de atuação no território, principalmente a de mulheres que passaram a atuar de forma autônoma comoicineiras, palestrantes e arte educadoras. Percebemos um aumento de Feiras e passeios na localidade.

Esta experiência também serviu de incentivo para o Turismo de Base Comunitária, além de fortalecer as práticas da Agricultura familiar, principalmente as protagonizadas por mulheres, que adquiriram uma maneira mais especial de lidar com os frutos colhidos em casa. Desde a colheita do aipim para venda, como a produção gastronômica de nhoque, bolo de aipim, bolo de banana, sucos, empadas, entre outros. Tudo isso tem aumentado a autoestima das mulheres, tornando-as mais autônomas e independentes quanto às suas co-criações. Nosso grupo também tem sido uma rede de acolhimento para mulheres que sofrem violência doméstica e psicológica, trazendo muitas vezes consolo e conforto umas para as outras.

Com o engajamento e a constância das ações, fomos construindo parcerias com instituições de relevância, além de ONGs e movimentos sociais como Ação da Cidadania, Coletivo Baixada Literária, Sala Verde da UFRRJ, Segurança Municipal de Ordem Pública de Seropédica, Coletivo Terra, ONG CSPN, Feira Solidária de Macaé, ARDUR, CEFET-NI, INEA, Projeto Terreiro Sustentável, Centro de Reciclagem de Seropédica, Movimento Africaerança, Coletivo Turma em Cena, Projeto Replantando Vida da CEDAE, grupo de pedal Ecobike, comerciantes locais (Bar do Miranda, Bar do Pier, Bar do Walter e da Raquel, Toka's Bar), artistas, igrejas evangélicas, instituições de matriz africana, dentre outros grupos e voluntários.

Em suma, podemos dizer que as ações do Coletivo promoveram e transformaram um local invisibilizado pela violência e descaso do poder público, em um campo vasto de possibilidades e acessível para moradores e visitantes; uma comunidade ribeirinha periférica, com hábitos tradicionais, composta por pescadores (as), artesãs (ãos), comerciantes locais, crianças, idosos, homens e mulheres, agora estão podendo vislumbrar sua inserção em uma universidade, estão mais atentas



ao seu patrimônio natural e cultural, e podem transformar essa riqueza em renda, por exemplo, a partir do turismo de base comunitária.

Disseminação da experiência

As ações do Coletivo Pantanal Iguaçuano já mostraram seu potencial de disseminação, tanto para outras famílias locais, quanto para outros bairros e regiões. Para que essa expansão aconteça, é importante a ampliação da rede de atores – instituições, poder público, ONGs, associações etc. Cada ação desenvolvida pode servir de base para a elaboração e implantação de políticas públicas, em especial pelos poderes municipais, o que garantiria não somente a disseminação, como também tornaram as ações permanentes, trazendo benefícios no longo prazo.